intrínseca

OPERAÇÃO IMPENSÁVEL

VANESSA BARBARA

OPERAÇÃO IMPENSÁVEL

OPERAÇÃO IMPENSÁVEL

Vanessa Barbara

intrínseca

“Durma, meu repolhinho.”

(F. SCOTT FITZGERALD)

Penso com espantosa frequência num documentário exibido pelo Discovery Channel, meses atrás, no qual uma senhora pacata afirmou às câmeras que adorava o marido. Ele era atencioso e gentil. Levava a esposa para acampar, ensinou-lhe o *pasodoble*, cuidava dos poodles do casal e vivia planejando passeios românticos de bicicleta. Ficaram juntos por catorze anos e ela nunca teve motivos para duvidar de sua sinceridade.

Seu nome era Gary e ele posteriormente confessou ser o "Assassino de Green River", um *serial killer* que estrangulou pelo menos 48 mulheres em quase duas décadas de atividade — dezenas delas durante o período conjugal. "A única coisa que estranhei quando fui morar com ele é que não havia tapetes em casa", ela recorda. Os detetives lhe disseram mais tarde que Gary teria usado os tapetes para enrolar os cadáveres.

A história que vou contar aqui não é nem de longe tão extrema, mas tem a ver com a ausência súbita de tapetes e a certeza de que algo não está bem, em algum lugar. Fala de 43 dias e 42 noites de dúvidas, entre madrugadas insones e momentos de calmaria. Este relato é uma tentativa de absorver o que houve.

PERÍODO DE PAZ

Cinco anos antes
24 DE MAIO DE 2006

Ele diria: "Olha o tucano! Corre."

O Tito apontaria a ave com um verdadeiro olhar de pavor — mas qual será o nome para a fobia de tucanos? —, e me puxaria pela mão rumo à área das girafas, dos leões ou da saída, onde soltaria um suspiro e chamaria um táxi.

O Tito tinha medo de tucanos, freiras, baratas e de andar de avião. Eu temia os palhaços, as peças de teatro interativas, os poetas mambembes e os comprimidos de remédio grandes demais. Eu, historiadora, e ele, programador. Eu, agrião, ele, rúcula. Eu, fã de musicais antigos e filmes *noir*, e ele, fã de cinema contemporâneo pós-Coppola. "Juntos formamos a história do cinema", ele dizia. Nossas saladas eram sempre mistas, e evitávamos qualquer tipo de distinção folhosa.

Na primeira vez em que nos vimos, descendo a ladeira após sair de um bar, ele desandou a falar sobre uma teoria segundo a qual "nem todos os anões eram filhos do Nelson Ned, mas muitos o são". Eu não prestei muita atenção porque estava assustada com o grau de extroversão do rapaz, mas aposto que a lógica era rígida e fazia sentido. Sem parar para respirar, ele me falou de estatística, da teoria do caos e do misterioso Tortelvis, cuja missão, "que lhe fora incumbida por alienígenas, era tocar versões em *reggae* do Led Zeppelin, vestido de Elvis". A certa altura, sem que houvesse gancho para tanto, observou que a língua alemã não passava de uma desculpa para cuspir nos outros.

Gesticulando com fartura, ele esbarrava sem querer nas árvores e ralava o cotovelo nos muros.

Tentou me explicar o Paradoxo do Barbeiro: existe uma aldeia onde, todos os dias, um barbeiro faz a barba de todos os homens que não se barbeiam sozinhos e não faz a barba de quem se barbeia sozinho. Dito isto, quem barbeia o barbeiro?

Na linguagem de programação, conforme notas em um guardanapo:

```
barbeia(barbeiro,x) :– homem(x), not (barbeia(x,x))
homem(adao).
```

Assim, a cláusula barbeia(barbeiro,adao) será provada como verdadeira, já que barbeia(adao,adao) não pode ser provado. No entanto, com homem(barbeiro) cria-se uma contradição infinita.

Eu não entendi nada, mas fingi que sim. Tentei argumentar que o barbeiro devia ser barbeado pelo papagaio, que ainda não entrara na história por descuido do narrador, ou então que um profissional especialista em pelos faciais devia ter plena noção da importância dos mesmos para a garbosa apresentação de um ser humano da espécie masculina, recusando-se, portanto, a desbastar sua barba. Conclusão: o barbeiro seria barbudo.

Na mesma noite, Tito se impressionou porque eu sabia a distinção espiritual entre assunção e ascensão, e também quando reproduzi a cena em que Marty McFly grita para o dr. Emmet Brown, pendurado num relógio prestes a ser atingido por um raio: "Eu preciso lhe contar sobre o futuro!", e o doutor pergunta: "O quêêê?"

"O futuro!"

Enquanto o metrô passava direto pela estação, fazendo subir uma nuvem de vento e estardalhaço, eu quis muito lhe contar sobre o futuro: seriam cinco anos juntos, três gatos e duas tartarugas, um tabuleiro de *Twilight Struggle*, paredes forradas de livros, um quebra-cabeça inacabado, um casamento, um divórcio e um abismo. Tito jurou que iria me amar, honrar e respeitar até que um de nós matasse o outro por intoxicação alimentar ou fosse atingido por um bólido de uma fruta-pão. (Ambas as alternativas estiveram próximas de acontecer e teriam sido preferíveis ao que acabou ocorrendo.)

Mas estou apressando as coisas.

11 DE JUNHO DE 2006

DE: LIA

PARA: TITO

Você é celofane! Você é pijama de flanela, você é chocolate branco, é cheiro de panqueca, é caneta de ponta fina e dicionário de questões vernáculas. Você é queijo gratinado e sol de inverno, é papel em branco e bicicleta. É um personagem de filme *noir* que narra a história em *voice over*, é um herói em preto e branco que sabe rodopiar e usa chapéu, é o Jack Lemmon escorrendo macarrão na raquete de tênis para a Shirley MacLaine. É chão de plástico bolha e teto de planetário. É cadeira de rodinhas e cambalhota. É um *snorkel* com gaivota acoplada, é um pão de batata com recheio de Catupiry, é um sanduíche de atum e uma garrafa de Guaraná Xereta. É água doce e peixe dourado. É o meu norte, o meu sul, o meu leste e o meu oeste, minha semana de trabalho, meu domingo de festa…

AGOSTO DE 2006

Desde o início, nosso relacionamento foi saudavelmente baseado em ofensas como: "Sua mãe tem a testa lisa" (cumprimento Klingon), "Amofine-se até seu coração estourar" (origem desconhecida), "Você é uma abominação cognitiva" (Marilena Chaui), "E também é acusado de prurido nas mãos!" (Shakespeare, em tradução livre). Ainda mais quando decidimos começar a jogar pinocle — um jogo de cartas praticado em 90% dos asilos norte-americanos, só perdendo para o bingo.

Todas as quartas à noite nos encontrávamos para estudar os aspectos teóricos do pinocle e engatar partidas sangrentas de duração variada. Gritávamos um com o outro e descartávamos cartas boas só para tornar o jogo mais divertido. "Minha mão está parecendo um pé!", ele gritava, jogando tudo para cima e virando a mesa com um chute. Como nas casas de repouso, o vencedor ganhava o privilégio de chacotear o oponente e de roubar seus comprimidos de vitamina C.

"Claro que você vai ser o grande Rei do Pinocle", desdenhei. "Porque eu vou ser a grande Rainha, com o cabelo amontoado no topo da cabeça como um ninho de lesmolisas touvas — e você sabe exatamente quem é que manda nesses casamentos reais. Com um penteado desses, é fácil obter a supremacia de um relacionamento. Você me ofende e eu tiro um canivete suíço do cabelo. Você me chama de torpe e eu saco um tijolo do penteado. Nossas partidas de pinocle serão as mais animadas do bairro."

Com o passar dos anos, eu e Tito competimos em muitas coisas: em jogos de computador e em quebra-cabeças de paisagens alpinas (eu era especialista em completar céus

e telhados), em torneios de pingue-pongue, partidas de basquete na sala e jogos de tabuleiro intrincadíssimos com manuais de oitenta páginas.

O melhor deles era *Twilight Struggle*, um jogo sobre a Guerra Fria em que um dos participantes incorpora a União Soviética e o outro, os Estados Unidos. É uma batalha de dominação insidiosa sem um conflito bélico declarado entre os atores principais, o que não os impede de iniciar guerras em regiões isoladas para aumentar sua influência e quem sabe obter o controle de países estrategicamente importantes. O jogo é bem verossímil e, como a Guerra Fria, possui três momentos: *Early War*, em que a URSS ainda está muito forte e o representante do bolchevismo deve utilizar uma estratégia ofensiva, *Mid-War*, mais equilibrada, e *Late War*, em que as circunstâncias são mais favoráveis aos ianques. Há cartas como "João Paulo II", que enfraquece a influência dos russos na Polônia, enquanto "Teologia da Libertação" atrapalha as atividades imperialistas na América do Sul. Pode-se vencer provocando uma guerra termonuclear ou após inúmeros golpes de Estado bem-sucedidos.

Desafiar o Tito era muito engraçado, sobretudo quando ele perdia. Havia intervalos para consultar o manual, gritaria, roubalheira e laços cortados madrugada adentro. Muitas vezes o jogo durava dias e deixávamos o tabuleiro montado sobre a mesa, intacto, para quando houvesse tempo de continuar a partida. Por causa de seu passado militante, ele geralmente escolhia liderar os vermelhos. Quando tirava a carta "Allende", "Fidel" ou "Pacto de Varsóvia", levantava-se ostensivamente da cadeira e entoava a "Internacional", citando frases de Lênin e Trotsky. Eu cantava a "Star-Spangled Banner", apoiava o Plano Marshall e investia pesado na corrida espacial. Tentava suborná-lo

com notas de dólares e promessas de passeios à Disneylândia. Boicotava os Jogos Olímpicos promovidos pelos vermelhos. Financiava com alegria os governos militares e os esquadrões da morte na América Latina, dizimando os opositores dos meus regimes e recusando-me a devolver o canal do Panamá.

Para desgosto do Tito, eu ganhava na maioria das vezes e, no final, esmagava o comunismo com minha carta "Margaret Thatcher". Nas poucas vezes em que trocávamos de papel (eu comandava o Exército Vermelho e ele liderava o Mundo Livre), Tito escondia uma carta na manga e imitava Richard Nixon: "*I'm not a crook*" (Não sou um trapaceiro). Depois abria os braços e chacoalhava, feliz, o V da vitória. Eu gostava de vê-lo ganhar. A alegria era contagiante, e ainda hoje escuto a risada do Tito ecoando por todos os cômodos da casa.

Twilight Struggle veio de uma frase de John F. Kennedy, que chamou a Guerra Fria de "uma longa e incerta batalha, que, ano após ano, se alegra na esperança e é paciente nas tribulações — uma luta contra os inimigos comuns do homem: a tirania, a pobreza, a doença e a própria guerra".

Noite após noite, nosso jogo abordou a tensão prolongada entre os dois países, a guerra velada e as relações de poder com os vizinhos. ("Como um casamento!", ele dizia.) Foi uma época de ameaças implícitas e grande tristeza, uma época em que, a todo momento, algo parecia prestes a explodir.

Na conta de muitos historiadores, essa angústia durou 45 anos. Nas minhas contas, foram 43 dias.

"Seriam cinco anos juntos, três gatos e duas tartarugas, um tabuleiro de *Twilight Struggle*, paredes forradas de livros, um quebra-cabeça inacabado, um casamento, um divórcio e um abismo. Tito jurou que iria me amar, honrar e respeitar até que um de nós matasse o outro por intoxicação alimentar ou fosse atingido por um bólido de uma fruta-pão. (Ambas as alternativas estiveram próximas de acontecer e teriam sido preferíveis ao que acabou ocorrendo.)"

ISBN 978-85-8057-856-0
9 788580 578560
www.intrinseca.com.br